

CORA CORALINA E JOSÉ GODOY GARCIA: literatura, pobreza e modernidade



Maria Eugênia Curado

Vera Lúcia Pinheiro

Vive dentro de mim/ a mulher do povo./ Bem proletária./
Bem linguaruda, desabusada, / sem preconceitos,
de casca-grossa./ de chinelinha, e filharada./
Vive dentro de mim/ a mulher roceira./ - Enxerto de terra,
Trabalhadeira./ Madrugadeira/. Analfabeta./
De pé no chão. /Bem parideira./ Bem criadeira./
Seus doze filhos./ Seus vinte netos. /Vive dentro de mim /
a mulher da vida./ Minha irmãzinha... /tão desprezada,
tão murmurada.../ Fingindo ser alegre seu triste fado.

(Cora Coralina)

Quando o tema em discussão é a presença da pobreza na literatura e, considerando também a importância de ressaltar o belo nos textos literários, estabelecem-se, neste cenário, questões de cunho paradoxal. Isso porque, a pobreza apesar de sua aura estigmatizante encerra em seu universo a beleza que transcende as máscaras sociais. Nesse sentido, dialoga com Hegel (2001) que entende que o belo é a manifestação e exposição do verdadeiro, presente tanto na idealidade quanto na negatividade. Para o filósofo, a beleza não se presentifica na lógica, mas está ao lado da liberdade do sujeito se expressar sem fronteiras ou limites diante daquilo que confronta em sua existência sensível. Assim, a criação não tem limites, engano, pecado ou culpa e mostra-se ligada ao ser e ao estar em um mundo prenhe de contradições.

A modernidade caracteriza-se por um processo contínuo de transformação social. Foi a fase da ascensão da burguesia e da valorização das relações comerciais. Nesse panorama aparecem a classe operária e a massa pauperizada em contraponto à sociedade burguesa. A classe média em ascensão relegou o homem pobre ao anonimato e uma das formas de tirá-lo

da obscuridade foi por meio do conhecimento de “suas formas de pensamento, seu nível de consciência social, sua capacidade de auto avaliação, suas condições de vida, ou falta de condições, seus sentimentos, seus valores, sua cultura, sua vida cotidiana”¹, e uma das maneiras mais ricas de expressão desse (sub)mundo tem sido o texto literário, seja na lírica, no drama ou na prosa.

Assim, independente das diferenças entre os países, literatos expressaram em suas obras o quanto a miséria apesar de ser aviltante, possui uma beleza peculiar inerente ao ser humano. Victor Hugo, em *Os miseráveis*, ainda nos primórdios do capitalismo na França, retrata a vida de Jean Valjean, preso durante 19 anos e obrigado a trabalhar nas galés por roubar alguns pães que serviriam para matar a fome de seus sobrinhos ainda crianças. Mas, apesar de denunciar as mazelas sociais Hugo, no construto verossímil de sua narrativa, sensibiliza-nos com a plasticidade dos elementos que a forjam e, dessa forma, extrapola os subterrâneos de Paris e seu texto, pelo caráter paradoxalmente belo, configura-se como universal.

No Brasil, autores clássicos e contemporâneos retrataram a violência e a miséria que costumam marcar a vida dos pobres. Cora Coralina, em seus *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1998), destaca-se como uma das principais vozes em favor dos desvalidos; João Cabral de Melo Neto reflete, em *Morte e vida Severina* (1994), o abandono em que sempre viveram e vivem os trabalhadores no capitalismo, em qualquer época e em qualquer lugar do mundo; Bernardo Élis resgata, em *Contos esparsos* (1987), a verdade social, por meio da fusão da linguagem coloquial com a norma culta e configura, por este viés, o ingresso dos subjugados nas fileiras sociais através de suas narrativas.

Neste ensaio procuraremos apontar alguns elementos deste percurso entre a “feiúra” e a “beleza” a partir de dois textos: “Os retratos”, (em *Antologia do conto goiano II*, 1994), de José Godoy Garcia (1994), “Campos Sales” (em *Estórias da casa velha da ponte*, 2003), de Cora Coralina (2006). De maneira geral, pode-se salientar que, nas narrativas em pauta, a pobreza no

¹ Lapa, 2011, “Os excluídos: contribuição à história da pobreza no Brasil”, p. 25

espaço literário se manifesta de forma estética na mesma medida em que denuncia suas discrepâncias sociais. Tal percurso terá como norte reflexões sobre a modernidade e as poéticas que lhe são peculiares.

Cabe salientar que o movimento nas narrativas assume a antítese belo/feio e referências canônicas se explicitam nessas obras e se entrelaçam no percurso do texto; tais ditames têm em Baudelaire uma direção. Isso porque, tal qual o poeta, tanto Garcia quanto Cora encontram *leitmotiv* para suas criações por meio da identificação e resgate da escória social. Paradoxalmente, ao forjar suas narrativas, ambos cumprem o ideário da sociedade capitalista que pressupõe a transformação de tudo em mercadoria e, por isso, nessa sociedade, a miséria e a opulência não podem ser compreendidas como uma anomalia ou como algo externo, mas como algo intrínseco a ela.

Nesse sentido, a pobreza se relaciona com os preconceitos da sociedade que a alimenta e com os discursos legitimadores que a sustenta. Convive com a burguesia e, conseqüentemente, estabelece um diálogo com a modernidade. Para Morell (2001), a visão da pobreza em cada sociedade resulta de um conjunto de normas, valores e ideais impostos pela classe dominante. O pobre é apartado da coletividade como uma forma de negar sua existência e, aqueles que não se orientam conforme as regras da sociedade a qual pertencem, se ignoram as virtudes de uma vida "honrada" e "disciplinada", a insignificância é não só o que os espera, mas também aquilo que são merecedores.

No final do século XIX, princípio do XX, com o vislumbre da República, a cultura brasileira começou a se urbanizar e, nesse período, com a consolidação do poder político da burguesia surge a arte realista que, em princípio, veio para orientar o gosto estético da classe média em ascensão e teve como escopo repudiar os excessos românticos. O realismo, contudo, ultrapassou tais limites, inovou e voltou-se para os interesses do povo. Buscou a verdade social e a verdade artística. Assim, resgatou os párias como elementos estético-literários capazes não só de emocionar o leitor como também tirá-lo da alienação. Incluiu, por meio do texto literário, de forma

metafórica, o miserável, a prostituta, o mendigo, a alma ignara das multidões na sociedade que os expurgava.

Nesse contexto, encontramos *O cortiço*, de Aloísio de Azevedo, em que a moradia e os hábitos dos pobres são retratados em ambientes insalubres e promíscuos. Isso em contraponto à “vida real” cuja preocupação, segundo Rago (1985) seria com as condições de habitabilidade do trabalhador urbano por parte dos higienistas sociais que se ocupavam com a medicalização da cidade, com a desinfecção dos lugares públicos, com a limpeza dos terrenos baldios, com a drenagem dos pântanos, com o alinhamento das ruas. Na concepção dos higienistas as epidemias eram provenientes dos bairros miseráveis cujos moradores sobreviviam em *cubículos* sem esgotos, sem instalações sanitárias privativas que exalavam odores fétidos ameaçando desse modo, invadir as elegantes casas dos bairros ricos.

A sociedade prosaica daquele período presente, sobretudo, em São Paulo e Minas Gerais, via os temas abordados na literatura como imorais, inadequados e à intervenção social dos escritores houve uma reação em que se institucionalizou um estilo superficial e decorativo. Houve a negação do novo, do contemporâneo, do moderno, promovendo um anacronismo em relação às produções de outros países cujo projeto da modernidade se firmou em toda a Europa. No Brasil, encontrou eco na Semana de Arte Moderna de 1922 cuja proposta foi a negação da estética importada de além mar e o resgate do nacionalismo pautado no antropofagismo. A repercussão das novas ideias se deu de maneira desigual no território brasileiro. Em Goiás, talvez pelo isolamento espacial, aconteceu de forma anacrônica com o restante do país.

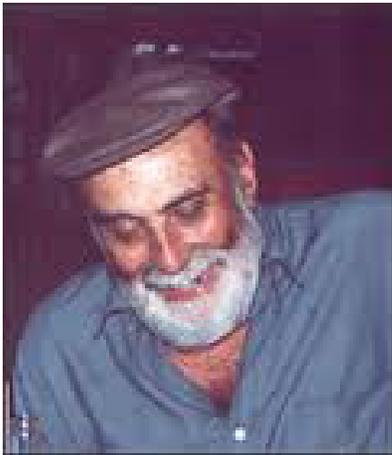
Vários literatos, contudo, irmanados às reflexões de Baudelaire, mostraram em suas produções aquilo que se permite conceituar como modernidade. Ou seja, a “extração do eterno no transitório”² decalcado da própria vida. Apontaram o belo no âmbito do não familiar, do estranho, do deformado, aproximando-o do grotesco, do incompleto, do desarmônico, do (ex)cêntrico, da pobreza, do pária, do efêmero. Identificaram as contradições próprias da modernidade em que a burguesia ignorava o fato de a sociedade

² Baudelaire, 2002, “ Sobre a modernidade”, p.24.

abrigar, além das comodidades trazidas pelo capitalismo também servia de guarita aos necessitados, aos trabalhadores que para Benjamin (2002), configuravam-se como heróis modernos.

Ainda assim, a maioria dos literatos se ocupou de temas oficiais com o intuito de cumprir ordens e receber honorários. Relegou ao segundo plano o espetáculo da vida mundana e reconheceram somente o heroísmo oficial. Alguns artistas, contudo, mostraram-se sensíveis aos molambentos e forjaram em seus textos personagens representativos da pobreza. Fator que os permitiu entrever “uma das alternativas para que fosse dada voz aos pobres, que só podem falar ou gritar na delegacia de polícia, no leito de enfermarias da Santa Casa de Misericórdia ou que emudecem em covas coletivas”³. Portanto, foi possível recuperar a dignidade dos miseráveis, dos homens pobres, dos remediados no seio na literatura.

Máquinas, movimento, avanço, pobreza e solidão.



Modernidade pressupõe progresso, conquistas de novos horizontes, avanços, movimentos para frente, melhorias. Esse processo contribuiu e ainda contribui, de forma paradoxal, à formação de indivíduos descrentes com a solidariedade humana e apegados aos valores materiais. Considerando os fatores que perpassam o avanço social e os questionamentos de tais avanços no texto literário o que ora propomos é a análise do conto “Os retratos”, de José Godoy Garcia, presente na *Antologia do conto goiano II* (1994), com o escopo de apontar de que forma o progresso marginaliza os trabalhadores pobres, os remediados.

³

Lapa, Os excluídos: contribuição à história da pobreza no Brasil”, p. 26.

José Godoy Garcia (1918 -2001) – literato relativamente pouco estudado pela Academia –, nasceu em Jataí, Goiás. Bacharelou-se em Direito. Viveu em Brasília desde a implantação do seu canteiro de obras (1957). Marxista por convicção, militante do Partido Comunista Brasileiro, foi poeta e contista “engajado ao lado dos mais humildes, voltado para os mais pungentes dramas do homem de nosso tempo, denuncia [em sua produção literária] as distorções verificadas enquanto a futura Capital tomava forma”⁴.

A narrativa, “Os retratos”, realça a tinta da pobreza, do remediado na época da construção de Brasília e tem como pano de fundo a necessidade da mudança da família de Casemiro Teodoro para outras paragens. Em consequência disso, a família é acuada, por um grupo de empresários a vender a propriedade do clã: *Ó aqueles homens! Os pretendentes à compra da fazenda, aqueles mesmos os donos dos tratores – as máquinas se aproximando, sarilho brabo no vai e vem de matos e caminhos – por fim chegaram.*⁵ Junto com os donos das máquinas vinha a mesquinhez, a perversidade, a desumanidade, porque os homens sabiam que *a propriedade, por certo, e era bem certo, valia muitas vezes mais do que o preço que estavam negociando.*⁶ Os negociadores vinham com o intuito de adquirir as terras e fazer, a qualquer custo, o progresso avançar. Mas queriam também ficar com *o lado grotesco das coisas e das pessoas*⁷.

O conflito se estabelece em virtude da negociação ser feita com a *porteira fechada.*⁸ Tudo entra no negócio. Existe, na casa, entretanto, uma parede com retratos que encerravam sessenta anos de saudade, de lamento, de pesar, de mágoa, de suspiros, de queixumes e de uma doçura suave. Mostravam Casemiro novo, seu casamento, seus filhos, suas noras e o *caixãozinho aberto de seu filho morto*⁹. A esposa do personagem se sentia invadida, roubada em suas coisas sagradas. O marido, contudo, *só pensava nos*

4

Oliveira, “Esses poetas, esses poemas” In:

<http://web.brasiliapoetica.blog.br/>.

⁵ Turchi e Silva, “Antologia do conto goiano II”, p. 265

⁶ Id., p. 267

⁷ Id., p. 267.

⁸ Id., p. 266.

⁹ Id., p.266

*cobres que ia receber, dinheiro contado*¹⁰ [e] *queria ficar livre da propriedade e sumir no mundo*¹¹, Casemiro queria construir uma vida nova longe dali. Além disso, o personagem, em relação aos retratos *ele tinha até vergonha. Aqueles trastes eram alguma coisa de pobre.*¹² Não seria, por causa deles, portanto, que o negócio não seria fechado independente do sofrimento de sua mulher.

O texto permite a construção de pelo menos dois percursos de leitura. Um primeiro caminho é aquele em que o tom de tristeza predomina e age de maneira incisiva nos personagens com a perda dos retratos da parede. Pode-se entrever também em um segundo percurso de leitura que se agrega ao primeiro quando o narrador aponta no “espaço rural os problemas sociais que oprimem o homem do campo”¹³ e se fundamenta na obrigatoriedade da venda do local onde a família mora, ou seja, em uma propriedade adquirida pelos seus antepassados nos arredores da futura Capital. Aponta ainda a tirania, a incomplacência e a coerção ao campesino para que venda sua propriedade. Assim, *todos se sentiam e pressentiam a vida mudando, transtornada com a invasão de gente de fora para as obras de implantação da nova Capital*¹⁴. A construção da nova cidade vislumbrava uma vida que *trazia o crime e a morte*,¹⁵ expressando um caráter bastante perturbador das características de um novo pauperismo, que se caracteriza não apenas pela miséria material mas também por uma profunda degradação moral. Essa “nova” espécie de barbárie, criada pela industrialização, segundo Castel (1999), embora não represente o retorno à selvageria de antes da civilização, pode ser comparada a um “estado” de dessocialização próprio da vida moderna.

Em sintonia com essa perspectiva, Casemiro, configurando essa pobreza de caráter moral, negocia a terra e assim, demonstra que tudo na modernidade inclusive a honra e a dignidade possui valor de troca. Ele desconsidera os sentimentos da esposa que quis saber *por que os retratos tinham que entrar no negócio [...] a mulher estava transtornada com o que lhes estava acontecendo,*

¹⁰ Id., p.266

¹¹ Id., p. 267

¹² Id., p. 267

¹³ Turchi e Silva, “Antologia do conto goiano II”, p. 264.

¹⁴ Garcia, 1994, p.266

¹⁵ Id., p. 266

*cheia de ressentimentos*¹⁶ A atitude de Casemiro ilustra o imenso poder do mercado na vida interior dos indivíduos modernos que estão à procura de respostas não somente para questões econômicas, mas também metafísicas: o que é mais valioso ou o que é mais honorável. No caso de Casemiro, inferimos que as antigas formas de honra e dignidade não morreram, foram, ao contrário, incorporadas ao mercado, ganhando etiquetas de preço e vida nova, tornando-se, em outras palavras, mercadoria. Nesse sentido, Berman (2003) enfatiza que qualquer espécie de conduta humana é permissível, desde que se apresente economicamente viável, valiosa. Sendo assim, Casemiro não poderia perder o negócio por causa dos retratos mesmo que isso viesse ferir os sentimentos de sua mulher e os seus próprios brios. Fato que reafirma a superioridade dos valores materiais em detrimento dos valores afetivos. Embora a esposa de Casemiro estivesse alterada com o fato de perder as fotografias e sofresse com a indiferença do marido, o homem *só pensava nos cobres que ia receber dinheiro contado*¹⁷.

A perpetuação do tempo nas fotografias e a efemeridade do negócio pontuam de maneira emblemática a impossibilidade de sustentar a tirania da novidade que urge. A modernidade que vem junto com a estruturação de Brasília vislumbra no personagem a possibilidade de viver o sonho materializado na arquitetura da cidade, com suas lojas e praças e com a multidão que convive lado a lado com o inferno da solidão e revela a contradição entre o passado – as terras, a família, os retratos, as lembranças –, com a promessa de futuro: Brasília. O belo futuro imaginado por Casemiro, certamente não virá. Ao invés disso, resta a esta família ceder aos avanços da modernidade, que para eles não significa progresso, mas injustiça e opressão e conseqüente abandono.

Em Garcia, o discurso sobre a pobreza, a modernidade e suas poéticas não se afasta do debate sobre o desenvolvimento urbano. Pelo contrário, tem no progresso, como verificado no conto, “Os retratos”, a discriminação daqueles que insistem em ficar à margem dos avanços econômicos, das melhorias propostas pela classe burguesa que, de forma paradoxal promove por

¹⁶ Garcia, 1994, p. 266

¹⁷ Garcia, p. 266

intermédio da urbanização a segregação do remediado, do pobre, do miserável a fim de que não manchem com suas características ignaras a opulência, a abundância, a riqueza e a ostentação daqueles que se situam nas extratos sociais mais elevados.

Literatura, trabalho e marginalidade

O conceito de pobreza, comumente, relaciona-se com carência, indigência, penúria, privação, mendicância e também aos indivíduos remediados, mas não pode ser entendido fora de seu contexto político, histórico e social. Considerando, entretanto, que “o indivíduo pobre é aquele fracassado na competição o qual o mundo do trabalho rejeita”¹⁸ e tendo como objeto de análise o conto “Campo Sales”, de Cora Coralina, presente em *Estórias da casa velha da ponte* (2006) observar-se-á no desenrolar da narrativa a desconsideração com o trabalhador pela classe dominante.

Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas – Cora Coralina –, nasceu no dia 20 de agosto de 1889 na cidade de Goiás e veio a falecer em 10 de abril de 1985 em Goiânia. Cora, no “seu ato de registrar, através da escrita, cenários e personagens historicamente silenciados, constituiu uma forma de perenização e resistência”¹⁹ dos trabalhadores pobres ou desempregados. Eternizou, em seu construto literário, os párias, o lixo social como as vozes que não merecem ser silenciadas na mesma medida em que denunciou a dissimulada sociedade de antanho. Pelo seu potencial libertário, seus textos dialogam com as poéticas da modernidade, uma vez que resgata o refugio da sociedade como as prostitutas, os bêbados, os loucos e os trabalhadores oriundos das classes baixas e, por isso, relegados a “serviços indignos”.

O conto “Campos Sales” ilustra bem essa premissa.

No início do texto, o narrador nos descreve Campos Sales: *escuro, pequeno, alegre, trabalhador dobrado em dois. Sempre encontrado com seus baldes e escovas. [...]. Muito certo e exato para aquele serviço obscuro e ativo*

¹⁸ Guimarães, 2011, p. 3

¹⁹ Britto, 2009, p.27

*que alguém devia fazer*²⁰. Morador das ruas que ora faxinava casas de família, ora lavava botequins tarde da noite. O personagem foi escravo da família de seu homônimo que além de bacharel em Direito, foi governador de São Paulo, Presidente da República do Brasil e Ministro da Justiça no governo de Deodoro da Fonseca. Alforriado, Campos Sales serviu o Exército Brasileiro na guerra do Paraguai. Quando a guerra acabou, ficou além de aleijado, *largado no mundo. Trabalhou para patrões, daqui, dacolá. Nunca arranjou nada. Agora era aquele serviço até o fim.*²¹ Um dia, Campos Sales foi faxinar a casa de Dona Clarinda, *professora muito boa*²² que além de pagá-lo em espécie também o presenteou com uma calça velha de seu marido. Esqueceu-se que no bolso da calça havia guardado três contos de réis. Campos Sales encontrou o dinheiro e o devolveu.

O contexto político e social que envolve o protagonista é o interior de São Paulo, especificamente, na cidade de Jaboticabal que abriga uma sociedade escravocrata. Os servos que participaram da guerra do Paraguai voltaram para a cidade, mas continuaram vassalos. Não foi o caso de Campos Sales que foi alforriado. Essa liberdade, contudo, não lhe garantiu subsistência. Fica clara, na narrativa, a discriminação que o velho Campos Sales sofre. Ele tem todos os requisitos para trabalhar em serviços menos edificantes: negro e aleijado. Consegue fazer bicos como faxineiro em casas de famílias e nos bares da cidade. Assim, o que resta para ele, um "subproduto do sistema,"²³ é o trabalho braçal. Isso em virtude de ter deixado a escravidão e conseqüentemente se tornado um proletário. Cabe lembrar que essa sociedade capitalista emergente se utiliza mão de obra "livre" e enaltece o trabalho como recurso de superação da pobreza e o não trabalho como sinônimo de vadiagem, que é mãe do crime, da imoralidade, dos vícios, da preguiça. Sendo assim, a indigência, a penúria, a falta de recursos de Campos Sales é socialmente útil, necessária, imperiosa e, em consequência disso, reproduz um sistema que a controla, impedindo-a de "gerar tensões ou constituir ameaças"²⁴. No caso de Sales, em princípio, ele se sustenta por meio da benevolência da

²⁰ Cora Coralina, 2006, p. 17.

²¹ Idem, p. 18

²² Ibidem, p. 18

²³ Lapa, 2008, p. 27

²⁴ Idem, 2008, p. 18

classe média urbana e sobrevive com trabalhos informais, impróprios à burguesia.

Há duas vertentes preconceituosas em relação ao protagonista que merecem ser destacadas: escravo alforriado e pobre. Nesse cenário de desigualdade social, a possibilidade de Sales ascender nesta seara é não só remota como também praticamente inviável. Caso Campos Sales não se adeque aos serviços peculiares a sua condição, cairá na marginalidade e será “identificado com o banditismo, o crime, a mendicância e outros fenômenos da patologia social”²⁵. Para não se por à margem da sociedade o protagonista, apesar de ter trabalhado para *patrões, daqui, acolá. Nunca arranjou nada. Agora era aquele serviço até o fim*²⁶. Ou seja, sobreviveria como egresso da escravidão e relegado à informalidade. As pessoas benevolentes da sociedade dar-lhe-ão trabalho. Isso por meio de uma solidariedade enviesada da classe média legitimadora da pobreza que se configura como o “mal necessário”.

Na narrativa coraliniana, a Dona Clarinda, professora de boa cepa, chamou Campos Sales para fazer a limpeza de sua casa. Ele aseou, escovou, limpou, desinfetou a moradia da mestra. Recebeu o pagamento pelo trabalho e junto com o dinheiro, Clarinda deu-lhe uma calça velha de seu marido, Domingos Rede. O faxineiro *agradeceu com o "Deus-lhe-pague" dos humildes*.²⁷ A patroa, no entanto, esquecera-se de que guardara, para as despesas de urgência, três mil réis no bolso da calça. Enquanto Dona Clarinda ajeitava as coisas da casa: *as roupas nos armários, nas gavetas da cômoda, do camiseiro [...] procurava pelo dinheiro*²⁸. Concluiu que perdera os cobres e conformou-se.

Campos Sales vivia em uma sociedade que marginalizava os ex-escravos. Inconsciente do processo discriminatório do qual era vítima, Sales foi até a casa da patroa, Dona Clarinda, com o intuito de devolver-lhe o dinheiro que encontrara no bolso da calça que ela lhe presenteara. Assim, com um comportamento antagônico àquele normalmente esperado pela classe média

²⁵ Ibidem, 2008, p. 18

²⁶ Cora Coralina, 2006, p.18

²⁷ Idem, p. 18

²⁸ Ibidem, p. 18

em relação à pobreza, Sales mostrou sua índole, seu caráter, sua honestidade “mesmo que negro e pobre”: - *Óia, Dona, diz ele, vim aqui por via da carça que vânce me deu. Hoje fui vesti ela, passei a mão no borso e achei dentro esse manajo de dinheiro que decerto vânce ou seu marido guardou e se esqueceu*²⁹ Dessa forma, ainda que o protagonista sofra de privações materiais, sua riqueza moral associada a sua capacidade de auto avaliação e aos seus valores falaram mais alto e a devolução do dinheiro tornou-se inevitável. Tal fato pouco representou à Dona Clarinda. Isso porque *quando veio a reparação do esquecimento e a Pátria lembrou dos sobreviventes, o velho guerreiro tinha dado baixa da vida e de nada mais precisava*³⁰. Cabe ressaltar que tanto a restituição dos três mil réis à professora Clarinda, quanto o fato de Sales haver participado, lutado e sobrevivido à guerra do Paraguai, são indiferentes seja no âmbito restrito da família de Domingos Rede ou no circuito dos poderosos, ou seja, do Exército Nacional, respectivamente. Afinal, o velho guerreiro só é visível na hora em que atende as necessidades das classes altas. No mais, é um ser invisível, imperceptível.

A reconstituição da realidade sociológica deste protagonista, embora no campo da ficção pode, em sua singularidade, expressar, os dramas de milhares de negros “libertos” antes e depois do fim oficial da escravidão no Brasil. Essa “falsa” liberdade trouxe uma “nova” desgraça para o (ex) escravo, isolou-o de seu grupo, transformou-o em “vagabundo” condenado a viver como se tivesse deixado de habitar este mundo. Campos Sales não era um criminoso, todavia, a instabilidade das relações de trabalho depois que se tornou um homem “livre”, o deixou vulnerável e, mesmo não tendo cometido nenhum crime, foi tratado como um delinquente.

Cabe enfatizar que Cora Coralina, por meio do resgate do refugio social, do molambo, do “negro alforriado”, do aleijado desmascara uma sociedade prosaica, preconceituosa e racista com um personagem cuja riqueza se pauta, sobretudo na honradez, na inteireza moral, na retidão, no brio, na boa fé e no respeito humano.

²⁹ Ibidem, p. 19

³⁰ Cora Coralina, 2006, p. 19.

Considerações finais

Se for possível a extração do eterno no transitório, as narrativas de Cora e Garcia afirmam tal possibilidade; sobretudo a possibilidade de mostrar por intermédio da organização textual elementos passageiros que se eternizam na obra. A vida é efêmera. Os valores voláteis. A época, a moral, a paixão circunstanciais. E, nesse cenário, o belo se adianta motivado pelas contradições, pelas utopias, pelo resgate dos que vivem no subsolo da sociedade. É, portanto, que em meio à atração e à repulsa que os narradores preocupados com os avanços da modernidade apontam em seus textos os paradoxos presentes na “marcha para o progresso”.

Tanto Garcia quanto Cora fugiram do ufanismo e colocaram em primeiro plano os subterrâneos das armadilhas sociais. Tiraram a “casca dourada” da realidade que acoberta a burguesia, o capitalismo. Mostraram-se sensíveis aos desvalidos, aos pobres, aos negros, aos miseráveis, aos molambentos, aos esquecidos, aos invisíveis socialmente. Godoy Garcia denuncia, acusa, imputa em sua narrativa as distorções configuradoras dos avanços sociais. Cora, de maneira prosaica, perfaz o caminho da descrença na sociedade irmanado à melancolia e provoca a “inquietude por meio da absorção do banal”³¹. Nesse sentido, evidencia o imperfeito, o silêncio e o contraditório presentificados na dor, na vida e na morte.

Ambos os autores mostram que a verdade pode ser dizível e que, além disso, “possui uma beleza peculiar e autêntica, a qual, no entanto é inseparável de sua miséria e ansiedade intrínseca”³². Suas narrativas revelam a necessidade de se pensar um mundo novo para além das aparências, do simulacro, da embriaguez da modernidade. Assim, lançam um olhar para além da cor local e configuram-se como universais.

³¹ Friedrich, 1991, p.75

³² Berman, 1986, p. 162.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.
- ADORNO, T. Lírica e sociedade. In: HORKEIMER, M.; HABERMAS, J. *Textos escolhidos*. Tradução de José Lino Grünnewald et al. 20 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Ed. CERED, 1993.
- BENJAMIN, Walter *Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas volume III. Trad. José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BRITTO, Clóvis Carvalho. Escritora e escritura: faces do itinerário poético-intelectual de Cora Coralina. In: In: BRITTO, Clóvis Carvalho et alli (Org.) *Moinho do tempo: estudos sobre Cora Coralina*. Goiânia: Kelps, 2009.
- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Trad. Iraci D. Poleti. Petrópolis/RJ: 2. ed. Vozes, 1999.
- CORA CORALINA. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1980.
- CORA CORALINA. *Estórias da casa velha da ponte*. 13 ed. São Paulo: Global, 2006.
- CURADO, Maria Eugênia. Aspectos irônicos na prosa coralineana. In: BRITTO, Clóvis Carvalho et alli (Org.) *Moinho do tempo: estudos sobre Cora Coralina*. Goiânia: Kelps, 2009.

CURADO, Bernardo Elis Fleury de Campos. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. Tradução de Marise M. Curione. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GARCIA, José Godoy. Os retratos. In: SILVA, Tietzmann Vera et al. *Antologia do conto goiano II: o conto contemporâneo goiano*. Goiânia, Editora da UFG, 1994.

GUIMARÃES, César. Prefácio. In: UGÁ, Vivian Dominguez. *A questão social como pobreza*. Curitiba: Appris, 2011.

HEGEL, George W. Friedrich. *Cursos de estética*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

HUGO, Victor. *Os miseráveis*. Tradução: Regina Célia de Oliveira. Vol. I São Paulo: Martin Claret, 2007.

LAPA, José Roberto do Amaral. *Os excluídos: contribuição à história da pobreza no Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 2008.

MELO NETO, João Cabral. *Morte e vida severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: 34 ed. Nova Fronteira, 1994.

MORELL, Antonio. *La legitimación social de la pobreza*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2002

ROCHLITZ, Rainer. *A filosofia de Walter Benjamin: o desencantamento da arte*. Trad. Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru/SP: EDUSC, 2003.

OLIVEIRA, Joanyr. Esses poetas, esses poemas. In: <http://web.brasiliapoetica.blog.br/>
Acesso: 20 de maio de 2012. 12h41min.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.